



## **Muitas leis e regras são "a antecâmara da burocracia e da corrupção" - Oliveira Martins (C/ ÁUDIO e VÍDEO)**

**Lisboa, Portugal 12/12/2014 14:07 (LUSA)**

Lisboa, 12 dez (Lusa) – O presidente do Tribunal de Contas, Guilherme d'Oliveira Martins, afirmou hoje que "a existência de muitas regras, uma floresta de disposições, é a antecâmara da confusão, da burocracia e (...) da corrupção", citando Rogério Fernandes Ferreira.

Falando na cerimónia de atribuição do Prémio Rogério Fernandes Ferreira, em Lisboa, Oliveira Martins citou o professor, dizendo que era uma pessoa que pugnava para que as leis e as normas fossem "simples e claras" para que "pudessem ser cumpridas e estivessem acessíveis ao cidadão comum e não apenas ao especialista", uma mensagem que considerou se mantém atual.

Rogério Fernandes Ferreira foi especialista nos domínios da contabilidade, gestão, direito e fiscalidade.

O professor teve em si "várias vidas", realçou Oliveira Martins, referindo-se às diferentes áreas do saber que dominava.

Além disso, lembrou que Rogério Ferreira disse ser "perigoso, terrivelmente perigoso, esquecer que o que tem mais valor é o que não tem preço".

Assim, "a crise financeira que sofreremos, cujos efeitos são tremendos, essa crise deveu-se a esta circunstância num determinado momento. A globalização esqueceu que de facto o que importa é ver o valor das coisas e o valor das pessoas", sublinhou o presidente do Tribunal de Contas.

E quando em determinado momento se julgou que "tudo tinha preço, que tudo se comprava, inclusive a própria honra e a dignidade, naturalmente que chegámos a esta situação: A crise financeira, a crise de valores e, naturalmente, a necessidade de encontrar os caminhos, a luz", sublinhou Oliveira Martins.

Daí, que como dizia Rogério Fernandes, "nunca devemos estar de costas para essa luz" alertou o responsável.

Guilherme d'Oliveira Martins referiu ainda que "infelizmente olhamos em volta e muitos dos problemas com que nos deparamos é o das contas que não são verdadeiras. E não há contas, não há contas rigorosas se não houver verdade nelas".

Os bastonários da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), Domingues Azevedo, e da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas (OROC), José Azevedo Rodrigues, também presentes na cerimónia, falaram de "uma complementaridade" entre a atividade levada à prática por estes técnicos e defenderam que esta atividade deve ir sempre no sentido da verdade.

Oliveira Martins, aproveitou a oportunidade para referir que em muito dos casos hoje conhecidos como problemáticos, o problema esteve "na mentira", pois "não eram as contas certas.

E defendeu que cabe aos técnicos e revisores oficiais de contas "garantir a verdade".

Além disso, Oliveira Martins considerou que "não há atração de investimento estrangeiro, não há a criação de condições de confiança se nós tivermos códigos que todos os dias mudam. Se estivermos a discutir estas coisas como se fossem coisas circunstanciais".

"Altera-se o IRS (Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares). Muito bem. Mas está-se já a pensar na próxima revisão. Sabe-se lá como, sabe-se lá em que circunstâncias", lamentou.

Para Oliveira Martins, "sem estabilidade, sem clareza, sem simplificação não há confiança".

"E um país como Portugal, que precisa como pão para a boca, do investimento estável estrangeiro obviamente que não é possível haver instabilidade relativamente à legislação da tributação", concluiu.

JS// ATR

Lusa/Fim